

O Joven Naturalista

Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci
Lectorem delectando pariter que monendo.
(Hor.)

PUBLICADO PELA SOCIEDADE PROPAGADORA D'UTILIDADE E RECREIO.

N.º 10.

DOMINGO 10. DE MAIO.

1840.

PEDROUCOS.

O sitio de Pedrouços he o, que apresenta a nossa estampa d'hoje. Seria a continuacão da estampa, que publicamos com o nosso 5.º n.º, a nam haver ainda entre estas duas estampas huma pequena paizagem, que ainda daremos em nossos numeros. Encantou-nos sua vista perspectiva e por isso nos demos a desenhá-la com toda a exactidam, que podemos. E, na verdade, quando se terem unido a Natureza e a Arte para dar aos olhos curiosos hum quadro mais pinturesco? Ouvistes vós já fallar d'esses bosques encantados, com que nossos bellos avós nas longas noites d'inverno extasiam o entendimento de seus charos netinhos? Vestes já esses deliciosos partos da fecunda invengam de Zeuxis? Ouvistes já algum d'esses poetas entusiasmados d'hum éstro amoroso, depintando em seus versos celestes hum paiz, proprio á habitacão da sua amada?... Eis ahi Pedrouços, cuja vista murcha todas as rosas d'esses quadros phantasiados! e com tudo Pedrouços deve suas bellas ao acaso; nam foi a arte, estudando a natureza, que produzio suas delicias.

Alguns fidalgos mandaram edificar neste sitio, entam ermo, seus palacios para ali passarem o tempo dos banhos, e pouco a pouco foi augmentando o numero de casas, ou já isoladas ou já contiguas, e hoje se acha este sitio, qual o vemos na estampa. Todavia he necessario saber gosar d'esta perspectiva, e para isso procurar hum lugar apto. Coube-nos alcançá-lo assim da janella da cosinha da torre de Belem, e, ainda que trabalhoso, eis ahi o quadro em dimensões, iguaes aquellas, que nos vem do angulo visual. Termina á esquerda pela porta principal do forte da Area (vulgar Bomsuccesso), do qual lá se vê huma grande parte, que entra neste golpe de vista.

— Huma das grandes nottabilidades da nossa estampa he a primeira barraca que vemos formada d'antiquissima madeira por fóra e de taipa interiormente. He a casa da tia Maria Algarvia, velha bem conhecida de todos os habitantes do Bomsuccesso. Esta mulher convence-nos formalmente, de que a natureza se affaz aos incómodos mundanos, e d'elles tira elementos for-

midaveis para a sua duraçam. Em vam pois os pais tentam comprar a existencia aos filhos á força de cuidados e mimos; só rigor de Saturno faz homens e a Desgraca tem produzidos os os maiores philosophos. Esta barraca, assentada em hum monticulo na praia do Bomsuccesso, he constantemente varejada por todos os ventos: fraca por natureza e por sua construcão he por isso mesmo no inverno hum asylo bem mesquinho, e onde qualquer individuo delicado teria talvez nesse tempo de ser victima da intemperie. Apesar d'isso a tia Maria, contando de idade 84 annos, mãy de 15 filhos e avó de 29 netos e com huma subsistencia bem pouco d'envejar, gosa huma saude a toda aprova, está gorda e possante, e huma mocettona de 20 annos nam desonvoverá huma energia e desembarago maiores.... em fim parece prometter outros tantos annos de vida futura. Todos os annos he reparada a barraca dos estragos do inverno, ora mudando-se as taboinhas d'onde fazem menos falta para tapar rombos, ora desmantelando huma capoeira de galinhas para occorrer a huma telha, que moína pedra quebrou, para tapar huma greta, pela qual o vento tem a confiança d'entrar. A tia Maria tem intrincheirado seu palacio com montes de pedras, por causa da maré, que nas altas syzigias ameaça assaltá-lo, tal foi no dia 4 de Maio ultimo, em que ella esteve cercada completamente, como se vê na estampa; e he nestes dias, que o palacio da tia Algarvia he huma ilhotta encantavel. Tudo entam, quanto ali gosa vida, se regosija no seu estado. — eu negro gatarram attrepa ao telhado para melhor contemplar as agoas circumdantes, gallinhas e gallos passeiam diante da porta, sua dona dá audiencia ás suas duas inquilinas, e o observador, passando, para — contempla — admira e gosta!

MODAS.

TOILETTES DIVERSES.

Toilette de baile. — Toucado de veludo carmezim, ornado de pluma. Tunica de cassa da India, branca, bordada de ouro era

toda a circunferencia. Saia de setim branco. Pulseiras de ouro, e brilhantes. Luvas brancas. Chapatos de setim branco.

Dita. — Toucado de blonde branco. ornado de plumas côr de rosa desmaiada. Vestido de setim côr de rosa, enfeitado de renda de Inglaterra. Luvas brancas. Chapatos de setim branco.

Dita. — Penteado á *ingleza*. Vestido de seda côr de canario, enfeitado com hum largo folho, e rufo do mesmo tecido. Espartilho ornado de renda. Luvas brancas. Chapatos brancos.

Dita. — Penteado ornado de blonde e flores. Vestido de cassa lisa, adornado de duas ordens de folho de renda de Tours. Laços de fita de setim côr de rosa, nas mangas e na parte superior do espartilho. Luvas brancas. Chapatos brancos.

Dita. — Toucado de setim carmezim com franja de ouro. Vestido de setim lilaz, ornado de renda. Luvas brancas. Chapatos brancos.

Dita de nêgligé. — Vestido de cassa de lan Escocesa. Cabeçam de cassa. Pantufos de setim lavrado. Touca de cassa ornada de *fontages* (*). Punhos de cassa formando roquete.

Dita de passêio. — Roupam de setim preto. Chaile de cachemira. Chapeo de seda de cordamsinho verde esmeralda, ornado de violas. Cabeçam e punhos de cambraia. guaruecidos de espiguiilha. Botinhas pretas. Chapeo de sol de seda côr de perola lavrada. Luvas brancas.

Dita. — Vestido de melania lavrada — manga justa. Cabeçam e punhos de renda d' *Alençon*. Chaile de gros de Napoles, preto, ornado de renda de ignal côr. Chapeo franzido de crêpe azul, ornados de flores de amendoeira. Botinhas pretas. Cabeçam e punhos de cambraieta. Luvas brancas.

M. J.

HISTORIA ROMANA.

(Continnaçam.)

DO QUADRO SETIMO.

Romulo he conducido á sua tenda de guerra sem movimento algum vital e lançando pela boca grossos jorros de sangue ao tempo mesmo, em que Hersilia e Numa chegam em seu socorro. Qual immenso rochedo que, desabando da alta montanha, rola com estrondo para o vale, e põe em fuga amedrontados os pastores — os rebanhos; mas dous robustos carvalhos, nascidos hum a par do outro, e cujas raizes teem enlaçado e confundido seus troncos, lhe sus-

pendem a queda: assim Léo se demora ao encontrar Numa e Hersilia. A féra amasona, armada do elmo celeste, que lhe presenteára Numa, foi a primeira a attaca-lo? « Barbaro, diz » ella, Jupiter te entrega á minha colera, tu » hirás no inferno gabar-te d'haveres ferido o » grande rey dos Romanos! » entam ella lhe attira seu nodoso javalotte, que o furor lhe impede de dirigir com justesa: o ferro passa ao lado de Léo e vem ferir de morte o valente Telson, que neste tempo spoliava Arunco. Léo sem perturbar-se arranca o javalotte do corpo do infeliz, e, attirando-o ao corpo da princesa, diz com sorriso amargo » tomae o vosso ferro, ap- » predei melhor a dirigi-lo. », Numa, esquecendo o capacette celeste, que cinge Hersilia, treme pela sua vida, e rapido se mette entre o ferro e a virgem. Sua ponta cruel fere no peito de Numa o bronze e o ouro da coruscante couraça; e penetra ainda no peitô do generoso amante. Huma ligeira purpura se sparze sobre suas armas. . . . Numa, vendo carrer-lhe o sangue, só cuida d'Hersilia . . . quanto he mais profundo o golpe, tanto mais elle louva ao ceo por haver preservado d'elle a sua amante; mas esta lembaança attiga em sua alma todo o furor da vingança! Elle se precipita sobre Léo; mas huma nuvem de combatentes os separa. Debalde elles se buscam mutuamente; nam mais lhes he dado encontrar-se.

Numa e Hersilia sobre os Marcios espalham a mais cruenta carnagem; Hersilia immola Ocreo — Opiter — Soractor e Almeron, unica esperanza de sua infeliz may Almeria. Numa, menos cruel mas igualmente bravo, só matta os, que lhe resistem. Priverno — Nasamon e Seralphin expiram sob seus golpes! Elle se lança sobre Liger, e no peito lhe quebra a sua lança! Entam Numa despe a espada, que de Pompilio herdára, corta com ella o braço direito de Tarchon — decapita Orimantho e faz cahir a seus pés o exforçado Quercens! Os Marcios abandonam o campo. . . . Léo resiste só ao grande tropel dos combattentes Romanos! Sua maça he a furia, que golpes semeia mortaes e amiadados, e victimas sem conto immola nas aras da deosa filha do Somno e da Noite!

Todos e cada hum dos Romanos emulam entre si o obrar prodigios de valor; do lado dos Marcios o protentoso Léo so obra tantos como aquelles! Elle se vê circumdado de Sabinos. . . Ufens o acommette e lhe diz « agora aqui nam » se tracta de quebrar arvores para ser general. . . » he necessario morrer. . . tu nam saberás escapar, par. », Léo o escuta, e sorri; e, evitando com ligeiro salto hum javalotte, que Ufens lhe attira, o segura, com seu vigoroso braço o aperta pelo meio corpo — o esmaga e lança sem vida contra a terra; põe hum pé sobre o cadaver, e levanta tranquillos olhos para hum circulo de espadas e langas, que o ameaçam! impenetravel ao temor, elle grita com voz desconcertada pela raiva « faça-se hum ultimo, e, se uelle-

(*) Laços de fita que antigamente se usaram nos toucados.

„ a vida se perde, he só deffendendo a patria, „ comprindo hum dever sagrado. „ Tudo isto foi obra d'hum momento, elle escolhe o lugar, por onde deve abrir caminho, e o abre á forga de golpes de sua invencivel maça!... desgraça aos, que occupam o lado escolhido! porque a morte he a sua unica partilha!... elle surge fora sam e intacto, como hum lobo faminto, que deo sobre hum rebanho inerme! elle retira, e avança por momentos, fazendo recuar batalhões, que o perseguem! Léo reúne seus guerreiros, e os encoraja: Numa admira e pasma á vista de exforço tanto; mas opta ardentemente medir-se com o heroe! Hum rumor, que faz ouvir-se sobre a margem do rio, o demora. Sophanor ameaça passa-lo para vir em soccorro de Leo. Numa para defender-se deve abandonar Léo, e este heroe com o resto dos seus guerreiros se aparta do campo sem perigo. **

HISTORIA NATURAL.

Conclne a precedente liçam.

A pelle do Rhinoceronte bicorneo differe da do ordinario em ser menos dura, e em lugar das pregas largas da do primeiro ella he tam sómente dobrada por grossas rugas no pescoço nos hombros e na garupa, de maneira que, comparando-a á do Rhinoceronte ordinario ella pode passar por mui lisa e macia.

A differença principal, com tudo, consiste no focinho, que he fornecido de dous cornos de differentes grandesas, estando o menor por cima do maior. Este he originario da Africa.

Hum e outro destes animaes sam herbivoros. No estado domestico tem sido o Rhinoceronte nutrido com arroz, assucar e feno. Sette arrateis de arroz, mixturado com tres arrateis d'assucar, se tem calculado sufficiente comida diaria, ajuntando algum feno ou herva verde, que elle prefere. Sua unica bebida he a agoa, que elle bebe em grande quantidade.

Em lugar dos doze grandes dentes do Elephante o Rhinoceronte tem seu corno e dous fortes dentes incisivos em cada queixo, os quaes faltam áquelles; elles sam collocados hum a hum em cada angulo do queixo. Independente d'estes quatro incisivos elle tem mais vinte e quatro molares, seis de cada lado dos dous queixos.

O Rhinoceronte sendo incitado ou instigado pela fome, salta para a frente e a grande altura com huma ligeiresa inesperavel da sua informe e pesada massa corporea, e impelle a cabeça furiosamente contra as paredes. Elle alcançaria promptamente na carreira hum homem, que o houvesse offendido.

O Rhinoceronte he em grande o, que o porcothe em pequeno — intractavel — bruto — sem intelligencia — sem sentimento ou docilidade — emclinado a revolver-se nos lameiros. Habita ctoa perferencia as margens dos rios, e os pannoicac. Em geral sua especie abunda menos que

a do Elephante, e como elle só produz hum filho de cada vez, e a distancias de tempos essaz consideraveis.

No primeiro mez o Rhinoceronte he do tamanho d'hum grande cam, quando nasce traz apenas o rudimento do corno, que aos dous annos tem já de comprimento huma pollegada, e aos seis annos nove ou dez pollegadas. Crê-se, que elle vive até oitenta annos.

Sem poder tornar-se util como o Elephante, he tam nocivo como elle o Rhinoceronte ás plantações. Sua carne he excellente ao gosto dos Indios e dos Negros. Sua pelle forma o mais forte couro, que se tenha visto; seu corno he mais estimado dos Indios do que o marfim, para certas obras torneadas, em rasam de sua consistencia mais forte que a do corno dos outros animaes; e elles estimam todas as outras partes do seu corpo, mesmo o sangue e ourina para certos antidotas.

No estado selvagem seu sustento he o mesmo que o dos Elephantes, e como elles pastam os Rhinocerontes em manadas. A canna do assucar he para elles de grande gosto. Elles sam mais solitarios, mais selvagens e mais difficeis de caçar do que aquelles. He ordinariamente, quando o animal dorme, que os homens o attacam com descargas de bollas, que lhe dam no ventre; e para isso os caçadores os seguem alguns dias fazendo marchar na vanguarda dous homens para de longe espreitarem a posiçam dos animaes.

DESENHO.

CONTINUA A PRECEDENTE LIÇAM.

23. Este processo, puramente *metrico-perspectivo*, auxilio poderoso nas operações de vista, dará as dimensões dos objectos imitando, nam como ellas sam na realidade; mas conformem obram no olho observador. Eis-aqui os caracteres, que differenciam os dous desenhos primitivos; caracteres essencialmente distinctos: quando representâmos em hum plano os objectos taes, como elles sam realmente, temos hum processo graphico, chamado *desenhogeometrico ou linear*; neste caso o olho se dirige successivamente a cada ponto do objecto para conservar-lhe sua forma e suas dimensões proporcionaes: quando representâmos os corpos taes, como elles obram no olho simultaneamente, o processo graphico entam se chama *Desenho d'imitaçam á vista*, mais geralmente *Desenho perspectivo*; neste caso só temos do objecto imitando a imagem apparente.

Estes sam definitivamente os dous desenhos, que em nossa consciencia podêmos admittir, distinctos nas representações graphicas; mas dependentes de princípios em grande parte mutuos. A architectura plana (assim chamâmos o seu desenho) nam he outra cousa mais do que, ou puramente desenho geometrico, quando separadamente damos as formas de seus detalhes,

ou prespectivo, quando damos hum systema composto de partes d'architectura: e, como no ultimo caso ha dependencia d'ambos os desenhos, nós entam lhe chamaremos (e assim nos mais casos identicos) *Desenho mixto*.

24. Para ter-se ainda maior numero de repertos (o que augmentará a facilidade da imitação) basta augmentar o numero das linhas sobre o plano. O seu numero deve pois augmentar-se em rasam da extensam ou complicaçam do objecto modelo.

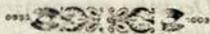
Por nam julgarmos ainda conveniente aos, que quiserem utilizar-se de nossos principios, reservamo-nos a dar mais adiante a descripçam e uo d'hum *reclificator de nossa invençam*, instrumento rigorosamente prespectivo, e por via do qual os estudantes, ainda os pouco a-liantados, poderam representar prespectivamente toda a sorte de corpo ou paisagem etc.

4.^o *Principio*. Depois de marcados no plano todos os repertos se procede a sua junçam com traços de bosquejo, passando do contorno do todo ao das maiores dimensões internas e por fim aos detalhes etc. As condições deste principio sam essenciaes ao bom desempenho da copia: se allias se commecasse das massas pequenas para as grandes, os pequenos erros, escapados em cada huma d'aquellas, se tornariam enermes, quando estivesse acabado o todo.

25. Na operaçam d'unir os repertos he indifferente, que se commee por estes ou aquelles; porém o uso tem mostrado, quanto seja commodo commecar os trabalhos desde o angulo esquerdo superior do quadro e vir acabar no direito inferior.

26. Este bosquejo deve procurar-se com o menor trabalho possivel. Póle-se traça-lo por meio de rectas quebradas; porque, teado elle por fim indicar o lugar das massas principaes, se julga melhor das extensões pelas rectas do que pelas curvas.

Comparando entre si as proporções e sobre tudo a largura com o comprimento se estabelece relações exactas: depois do que se examina no modelo os pontos, toma-os para repertos, e se comparam com os da copia. Para isto se observa, quaes sam os pontos da parte superior, que se acham em linha recta vertical com o da parte inferior, e *vice versa*; depois quaes os pontos, que se correspondem por huma horizontal ou em fim por obliquas; estas ultimas nos tornaram senhores do todo mais complicado. ***



GEOMETRIA.

SEGUE A ANIECEENTE LIÇAM.

Problemas.

43. *Dividir duas rectas dadas de tal sorte que os quatro segmentos sejam continuos proporcionaes.* Sejam (fig. 34. n.^o 2.) as rectas dadas AB e BD: forme-se com ellas o angulo recto ABD, e ajunte-se AD. Sobre AB, como diametro,

se descreva o semicirculo AEB, e pelo ponto E tire-se EC parallela a DB, e EF parallela a CB; e AB ficará cortada em C, e B D em F na forma pedida. Porque (Vil. 103) segundo a similhaça dos 2 triangulos AEC e ADB, temos AC: AB:: CE: BD; mas (Vil. 98.) CE = BF; logo AC: AB:: BF: BD; e por tanto as linhas dadas AB e BD estam cortadas nos segmentos continuos proporcionaes AC, CB e BF, FD.

44. *Dividir duas linhas rectas de forma, que os 4 segmentos sejam reciprocamente proporcionaes.* Sejam dadas as duas rectas a, b (fig. 23. n.^o 2), e, descrevendo hum circulo ADBE á descripçam, tome-se entre o compaçao a linha a e se inscreva no circulo, por ex., em DE; tome-se depois o comprimento da linha b e se inscreva ali igualmente, por ex., em AB, e de sorte, que se entre cortem em hum ponto qualquer, e ellas estaram cortadas na forma pedida, sendo D ponto: B ponto:: A ponto: E ponto (sendo chamado ponto o ponto em que as linhas se entrecortam). Veja-se a demonstraçam Vil. 127.

PINTURA.

CONCLUE A LIÇAM QUINTA.

Terra merita ou assafram dis Indias — he huma pequena raiz similhante ao geagivre e esta raiz dura ou como cornea, amarella por fóra e por dentro, que nasce em muitos lugares das grandes Indias, pinta d'amarello, approximando-se do assafram e serve a dar huma cor alaranjada. Deve escolher-se a mais odorifica — novapitada — compacta — bem nutrida e de cor amarella assaframada. Usa-se para pintar orna os de casas.

Assafram bastardo ou carthamo — chamado pelo droguitas *safranum*, dá tambem huma cor, que fervida em agoa tira sobre alaranjado, e serve a pintar os ornatos dos quartos e aposentos. Convem escolhe-lo sublime em cor, approximando-se do assafram verdadeiro. O mais bello vem do Levante.

Compõe-se os amarellos, que acima dissemos sob o nome do *stil de grain*, formando massa ou pequenos páes, que se faz secar.



COSMOGRAPHIA.

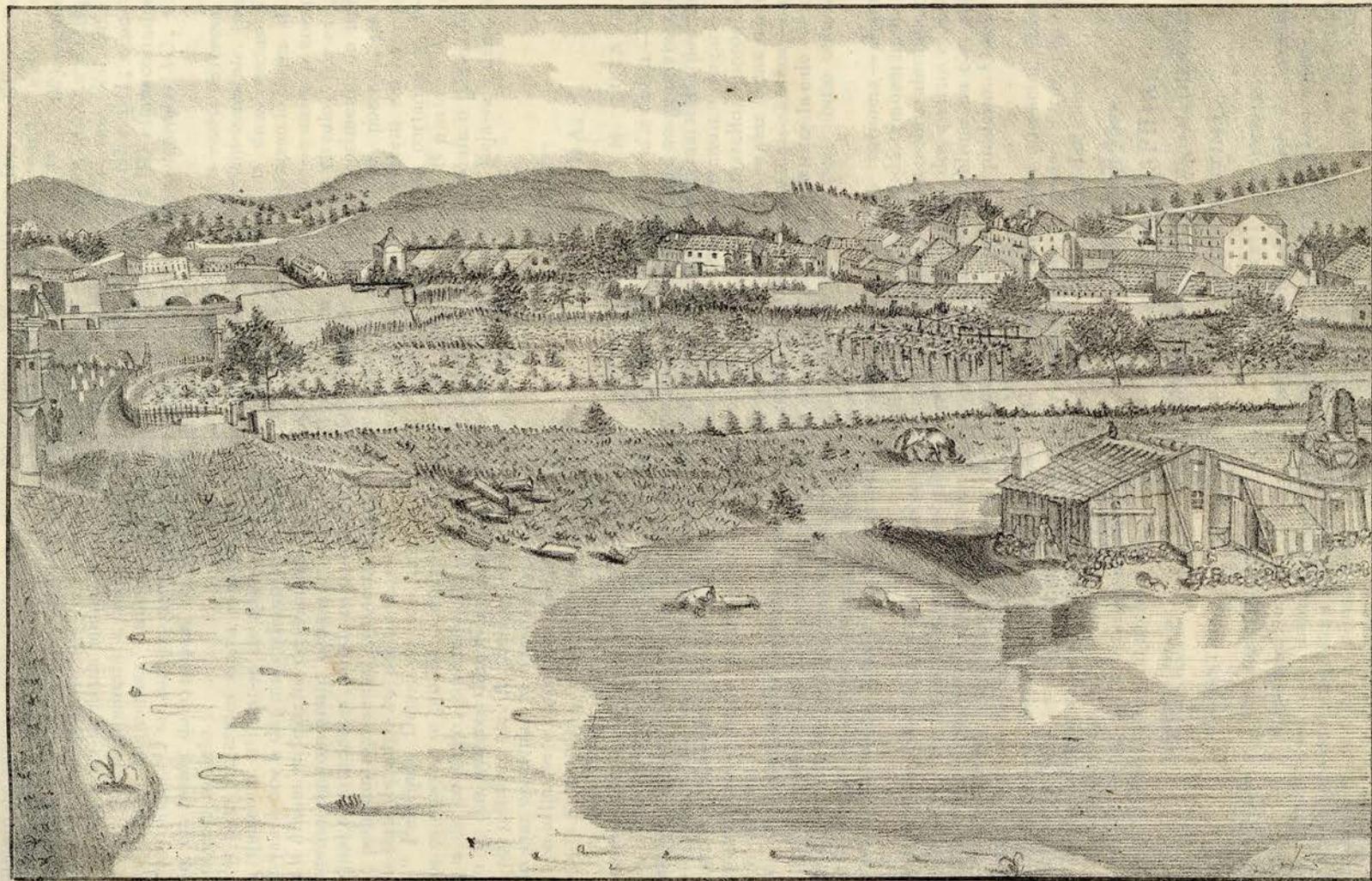
GEOGRAPHIA ASTRONOMICOMATHEMATICA.

LIÇAM SETTIMA.

DA TERRA ISOLADAMENTE.

Pontos. — *Linhas* — *circulos etc. do Spheroides* segun to o projecçam da sphaera celeste.

36. Colocado o observador sobre huma superficie plana (tal como o mar) elle a vê terminada por hum grande circulo, cujo centro elle occupa. A circumferencia d'esse circulo cha-



Ames ver. 184.

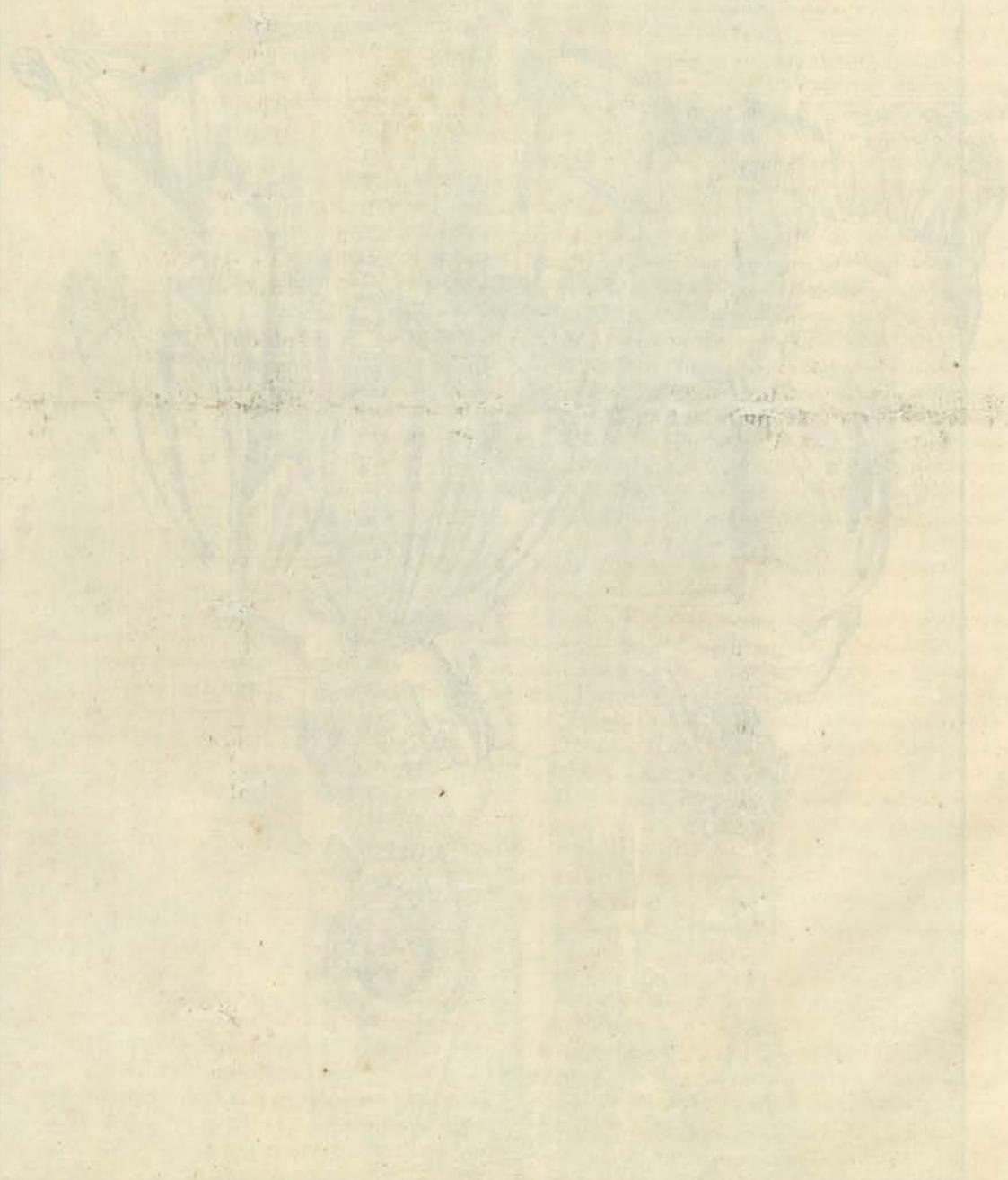
L. S. Legler.

Pedrouços.



W.D.A.S.

33072



ma-se *Horizonte sensível* (o que nós vemos — tangente á superfície da Terra — e paralelo ao *Horizonte racional*, que só a rasam percebe: este he a linha, que divide as superfícies dos dous hemispherios),

37. Imagine-se outro circulo, cuja aria he perpendicular ao rayo, tirado do centro da Terra ao lugar da observaçã, e cujo centro seja o mesmo da Terra: a circumferencia d'esse circulo he o verdadeiro *Horizonte, o racional* (36).

PONTOS FORA DO HORIZONTE.

38. Imagine se huma recta, que, passando pelo ponto da observaçã e pelo centro da Terra, termine d'hum e outro lado na parte concava da sphaera celeste: os pontos tocados pelas extremidades d'essa recta se chamam *Zinit* (o que fica verticalmente á nossa cabeça) e *Nadir* (o que fica diametralmente opposto e no outro hemispherio).

39. *Corolario.* Vê-se claramente, que todo o lugar he centro d'hum horizonte differente, onde por consequencia ha tambem hum Zenit e hum Nadir differentes.

Pontos no Horizonte, dictos *cardiacs*.

40. O ponto do Horizonte, onde o Sol nasce no principio da primavera e do outomno se chama — Levante ou *E/ste*; aquelle, onde elle se põe, chama-se — Poente ou *Oeste*. —

41. Unidos estes dous pontos por huma recta, e tirando no ponto da observaçã huma outra recta, perpendicular áquella, sua extremidade á direita (estando voltado para o nascente) chama-se o — Sul ou *Meiodia*, — e sua extremidade á esquerda se chama — *Septentriam* ou Norte. — Escrevem-se d'ordinario com as letras iniciaes sómente todos os pontos no Horizonte.

Pontos intermediarios aos *cardiacs*.

42. Outros quatro pontos, a igual distancia cada hum entre dous dos *cardiacs* sam chamados — *collateraes*, e sam — Nord-*este* (entre N. e E.), Nor-*Oeste* (entre N. e O.), Su-*Este* (entre S. e E.), Sud-*Oeste* (entre S. e O.).

43. Outros oito pontos intermediarios separam os precedentes a iguaes distancias e sam — No nord-este, No-nor-oeste, Este-nod-este, Este-sud este, Su-sud-oeste, Su-su-este, Oeste-sud oeste, Oeste nor-oeste —, e os desesseis, que de todos resultam, sam ainda separados por desesseis outros; d'onde ao total ha trinta e dous rumos, de que sam compostas as bussolas, e se chamam a — rosa dos ventos. Na tabella seguinte apresentaremos seus nomes e as iniciaes, porque sam conhecidos. **

VARIÉDADES RECREATIVAS.

Alcibiades ou o Eu.

Conto moral, traducçã de Marmontel.

[Continuacã.]

A entrevista foi seria; isto divertio por hum momento o marido; porém os seus negocios o

chamavam a outra parte. Deixo-vos, lhes disse elle, e espero que depois vos enfadardes sobre palavras, reconciliar-vos-heis sobre as cousas. O bom do homem dizia isto sem malicia, porém a sua mulher corou.

Depois de hum longo silencio, Alcibiades tomou a palavra. Nossas conversaçõs, minha Senhora, faziam as minhas delicias, e com todos os meios possiveis para me entregar á dissipacã, tinheis-me feito gostar dos encantos da solidam, e preferillos a tudo. Eu já nam pertencia ao mundo, já nam pertencia a mim mesmo, era todo vosso. Nam julgueis que huma louca esperanza de vos seduzir, de vos desencaminhar se tivesse introduzido na minha alma: a virtude e da formusura, he que me tinha prezo debaixo das vossas leis. Mas amando-vos de hum amor igualmente delicado e terno, lisonjeavame de vos poder inspirar este mesmo sentimento. Offende-vos, ou antes importuna-vos este amor puro e virtuoso; pois nam he possivel que o condemneis de boa fé. Tudo o que tanto por vós, vós o sentis por outro, confessaste-mo.

Nam posso nem arguir-vos, nem queixar-me, mas haveis de confessar que eu nam sou affortunado. Talvez só haja em Athenas huma Senhora que tenha amor ao seu marido, e he justamente desta Senhora que me torno apaixonado. Na verdade sois bem louco pelo discipulo d'hum sabio, lhe disse Rodope com sorriso. Elle replicou o mais seriamente do mundo; ella tomou a cousa em ar de brincadeira; elle pegou-lhe na mam; ella arrenegou-se; elle beijou essa mam; ella quiz levantar-se; elle areteve, ella corou, e ambos per eram o juizo.

Desnecessario he dizer quam desconsolada ficou Rodope, nem como se consolou; tudo isto se suppõe facilmente n'huma mulher virtuosa e apaixonada.

Ella tremia principalmente pela honra e secego do seu marido. Alcibiades jurou-lhe hum segredo inviolavel, mas a malicia do publico o dispensou de ser indiscreto.

Bem se sabia que elle nam era homem que se contentasse junto de huma mulher amavel com discursos philosophicos.

Suas assiduidades occa-ionaram suspeitas, e as suspeitas no mundo sam quasi como huma certeza. Ficaram todos convencidos que Alcibiades era amante feliz de Rodope. Este boato chegou aos ouvidos do marido. Elle estava bem longe de o acreditar; mas a sua honra e a da sua mulher exigiam que elle desvanecesse essas suspeitas. **

O Bem-Estar do Homem.

He alta noite, o Escorpian tem tocado o meridiano, o Syrio acaba d'esconder-se nas agoas do Oceano Atlantico, e o sino da prisca tor-

re de Belem vem de soar duas vezes. Dorme a Natureza. . . tudo inspira contemplação, tudo o morno silencio respira. O humido bafegar da noite, que atravez das fendas se infiltra, nos diz, que nam vem longe a Aurora do Domingo, e o Sol no 6º grau de Taurus nam tardará muitas horas a pintar de pallido e desvanecido ouro o horizonte oriental. Tudo seria silencio a nam serem os silvos do Boreas — a undisonancia do Téjo — e a voz do solivayo mocho, que de quando em quando pia. Fugio-nos o somno, e, recostado sobre o travesseiro, o desejo de pensar vem incitar-nos. He este para nós o momento da contemplação, o instante d'entrar em nós, d'analysar nossa existencia.

Dous entes mesquinhos dormem ali, ali disfructam o somno placido da innocencia e da tranquillidade. . . . oh! e quem podera imita-los. Para nós a existencia he neste momento pouco lisongeira. . . . pêsam nos na torva-mente mil recordações ingratas. . . . o *preterito* contemplando, magoa-nos o *presente*, e o *futuro* vemos pender da duvidosa cadeia do destino. Por mais que o socego busquemos, por mais que desafrentar optemos com as magoas virações do alivio interno as tetricas borrascas, que o pensamento nos turbam, nenhum grau de philosophia nos faz ver indifferente as inclemencias dos homens. Hum desejo nos opprime ainda. . . . e qual desejo será? excusada pergunta: o desejo do Bem-Estar.

Sim; este sentimento da humanidade, inactivo á época da rasam, ainda que Napoléon o julga companheiro do homem desde o berço até ao tumulo. Este pensamento sublime, cujos gráus se acham collocados na rasam directa da civilisação do homem. Sim, e acclaremos esta verdade; commecemos pelos brutos, para assim a avaliarmos desde o instincto.

Trasei das florestas da Africa o elephante adulto; vede, que cuidados, que astucias vos sam necessarios, para rete-lo á sombra do vosso imperio: Contemplai sua tendencia a escapar-se para os campos, para longe dos homens. Quem pois lhe da esta tendencia? O desejo do Bem-Estar, que de nenhuma sorte he o da escravidam, mas o estado de liberdade, em que naturalmente vivia. Todos esses tractamentos, que empregaes para vo-lo utilizar, o constringe, o vexa, e o instincto lhe diz, que nam Está-Bem.

Passou-se algum tempo, o fructo de vossos cuidados apparece. . . ei-lo docil-reconhecido á mam, que lhe distribue o sustento, e affagando-a com sua tromba: soltae o. . . já nam foge. . . foi-se-lhe a tendencia ao campo. . . aqui direis vós « cahiste em contradicção, pois que o elephante perdeu o desejo da liberdade, apenas foi cultivado » enganae-vos; o estado de cultivação para o elephante he, como o estado do despotismo para o homem. Vós o haveis cultivado, mas para vós; e, em pura perda sua, vós o fizeste degenerar da propria natureza: o

homem e o elephante perderam na mudança do estado natural, afúseram-se á escravidam, e se degradáram do estado, para o qual haviam nascido.

Hum tal estado para o homem se denomina o *Obscurantismo*, estado abjecto e imperdoavel, em o qual, arrastado a pós o vehiculo dos perjuizos, que a argucia lhe deo a beber em dourada taça, sem morder a cadeia, que o opprime e prende, se levanta feroz e assassino contra o ousado, que tentou limar-lh'a. . . . nenhum dos brutos tanto faz!

Este estado, bem contemplado, por si mesmo se explica: e, pois que insensivelmente entramos na sphaera do homem, nam volveremos a traz.

Ha entam depois do Obscurantismo hum outro estado, que occupa o meio entre aquelle e o *Optimismo*. Este estado medio, em que o homem, tendo franqueado os limites do primeiro, guiado pelos luros do interesse, e arrastado por hum certo genio de ferocidade e ambição, optaria lançar hum jugo de ferro sobre os extremos, se approxima mais do primeiro, e ali o homem, para conservar-se no *statuquo* venderia a propria liberdade — consentiria em ser opprimido só pela certesa d'opprimir a seu turno. Quaes sam pois os, que estam nesse *statuquo*? = o rey tyranno — o gerreiro feroz — o despota orgulhoso — o ministro sagrado hypocrita e ambicioso, que pregando a religiam, nada quer da santidade de seus conselhos — o ministro profano caprichoso — o juiz venal e sclerizado — &c. = Todos estes, dizem, querem o Bem Estar, porque querem ver satisfeita a diversidade de seus genios, e nós lh'o concederíamos bõm grado, se os vissemos no estado selvagem, isolados e profugos, como o urso — o Lobo — e o tygre, a que tanto similham; porém, contemplando-os no gremio das sociedades humanas, que por máofado os tenham em si, lós lhes exprobramos o absurdo, nem consentiram, que ao Bem-Estar se faça tam grande injuria. Nós distinguiremos pois duas maneiras primitivas de Bem-Estar; se o homem he independente e no estado primitivo, e tem com que satisfazer todos seus desejos, entam gose embora o homem do *benesse*; porém, se elle vive no estado social, será acaso Bem-Estar aquella existencia, que se estriba na ruina de seus semelhantes?! Julgamos o contrario: para nós temos, que, se o homem Está como no caso supra Está pessimamente; se, pondo fazer bem, o nam faz, Está-mal; se, n-m podendo fazer bem, nam faz mal, Está-soffrivelmente, Está como póde; e se, existe na sociedade, para adorno d'ella, e vive igualmente para si e para os outros, eis-aqui o, que chamamos Bem-Estar. o sublime Optimismo da existedcia social. Este he o homem; que existe realmente; o primeiro e o segundo, ainda que nonagenarios, morrem sem ter vivido hum dia. Miseraveis!!! Só vieram ao mundo para desacreditar a especie humana!! antes hou-

vessem nascido monstros na forma, como o sam no coraçam.

(O Optimismo pois he o estado soberano da civilisaçam; tem em si todos os encantos do mundo, toda a sua bondade; em huma palavra o *optimo* (em velho portuguez — o *Methor*)! Quaes sam os, que este estado em si tem? — o grande, que nam abusa do poder para opprimir; nem consome em faser-se adorar o suor dos pobres, que elle reputa seus iguaes — o ministro, que só ceahcece por bussola de suas acções os interesses communs e as leys — o Juiz, que nam torce a justiça, nem a sacrifica nas aras do interesse, que nam vende o direito das partes por considerações ou ouro, que he justo, e clemente quando pôde sê-lo — o pai de familia, que despende parte de seus haveres em educar os filhos nas maximas virtuosas, que os tornem optimos cidadãos e verdadeiramente uteis á sociedade — o rico, que faz uso das riquezas para animar a industria nacional e as artes, e para subvenir ás urgencias do inf liz e aos asylos dos desvalidos — O guerreiro, que, sem ambicionar terras alheias e sem perturbar o socego dos finitimos nam duvidará obrar proesas e regar com seu sangue o campo marcio para defender e conservar o solo da patria, e sua independencia e tranquillidade — O sabio, que nam abusa da sciencia para espalhar maximas destruidoras da liberdade e progresso luminoso dos povos, e que nam usa da sabedoria para suffocalla nos mais — em fim o homem probo consumado. — Deus-libertas-lex he o tricolor da divisa d'este estado; miseria — fames o bicolor da do primeiro: Licentia o unicolor do segundo.... licenciosidade he hum pomo trasido das margens do Cocyto, nunca o vimos, temos sómente sentido seus hidiondos cheiros e effeitos; sua côr diz-se ser branca, que na physica se define a confusam de todas as outras cores primitivas.

Fora de todos os estados, que vimos d'analysar, existe ainda huma cousa, que nam ouσαμεos classificar: os, que ali pertencem, se adornam de todas as qualidades dos individuos do segundo estado sem com tudo serem afferrados ao *statuquo* da sua predilecçam. Quem sam entam os, que pertencem a essa cousa, a esse estado sem stabelidade? — o cidadão improbo, que espalha o veneno da discordia pelo coraçam da sociedade, a traz sempre em crise em precariedade; o de desejos infinitos d'escolha ephemera, a quem nenhum estado contenta, ó que no pobre tugurio optaria as pompas do palacio, no palacio invejaria o alvergue do pastor, o catavento politico, que, precorrendo vicissitudinariamente os trez estados — se chegasse ao do Optimismo (o que nam he possivel nem impossivel), tergiversaria em hum instante, para fazer-se membro de todos os estados sem pertencer a algum d'elles.

HYGIENA.

(Continuaçam.)

» Occupar-se, passar huma vida activa, evitando os excessos da fadiga, he hum dos melhores meios de fazer huma diversam: a inquietagam. As occupações, que exigem contença d'espírito nam convem: o mesmo he dos trabalhos, que traseem huma privaçam desusada de somno durante a noite.

» 5.^o Já se fallou da utilidade das cintas e das seroulas de lan; mas convem que estes vestidos estejam sempre limpos. A limpeza he sempre indispensavel á saude. Aquelles, que teem os meios de tomar de tempos em tempos banhos d'hum calor agradável, deveram fazer uso d'elles, mas conservar-se-ham no banho só o tempo necessario a lavar o corpo; terem o cuidado d' enxugar se bem com hum panno quente, e de nam se expôr immediatamente ao ar exterior. Esta precauçam he sobre tudo util, quando a estaçam he fria.

» As fricções sêcas convem muito. He facil administra-las esfregando-se á noite ou melhor ainda de manhan e á noite o tronco — os braços — as coxas — as pernas durante hum quarto d'hora com huma escova macia ou com hum estuffo de lan. **

MENDICANIMACHIA.

POR
J. D. Sines.

POEMETO APOLOGETICO.

[Commeçado no N.^o 5.]

CANTO 3.^o

Entanto os Commandantes meditavam
Em penivel silencio, e nam achavam,
Como os seus companheiros disputassem,
E de novo a fortuna ardua tentassem.
Mastim audaz esquece altos perigos
E ladra em alta voz — *E o Boi, amigos?* —
Mais de vinte cabeças levantadas
Renovam esperanças esgotadas.
Salta a fome veloz de buxo em buxo,
Cada qual no valor já mostra luxo! ...
A pé tudo se poz inda qu'houveram
Alguns, que mais de seis battecus dêram?
Partes duas se faz, cujos mandões
Foram Tygre e Mastim por mais pimpões.
Entam ladrrou o chefe hum bom discurso,
Que nos cães redobrou bellico impulso.
» O' vós irmãos e amigos valerosos,
» S'ha bem pouco nam fomos venturosos,
» Sam ludribrios mesquinhos e dementes,
» Com qu'a fortuna tenta os mais valentes.
» Por hum revez do accaso vil mofino
» Quem pode penetrar alto destino?
» Ninguem; mais d'huma vez, lá diz a historia.

» D'entre cinzas surgiu ardua victoria (a)
 » Que perdemos, dizei? acaso extincta
 » Da guerra a causa existe, em sangue tincta?
 » S'a presa ora estivesse já comida,
 » Estam os Comedores inda em vida;
 » Melhor nos fôra entam, pois que, vencendo,
 » Huns mais outra nôs fomos comendo.
 » S'os gaiatos vencessem e os mendigos,
 » Quem cam ser poderia, ó meus amigos?!
 » Quem juncadas nam vir as ruas todas,
 » E os pobres e os gaiatos sempre em vodas
 » De caninos cadaveres?... Alerta!
 » Constantes vos mostraes, qu'a gloria he certa!
 » Matêmos estes monstros d'impiedade
 » E teremos do mundo a liberdade!
 » O' vós, que velhas taipas nam temeis,
 » Nem de duros calhãos vos escondeis!
 » Vós sim, que contra páos arrostaes fortes
 » E a fome mais tremeis, que trinta mortes!
 » Dizei, s'em vossos peitos ferve e erra... »
 Ladam todos bem alto » *Guerra! guerra!*

Puxou Mastim seus bravos d'imboçada,
 Da fonte nova busca alta calçada:
 De frente marcha Tygre, e a tempo certo,
 Em que Mastim viria d'elles perto.

Hiam já compensar-se os feitos nobres,
 Que no combatte obráram bravos pobres;
 Brillavam machadinhas, facalhases
 Nas mãos dos velhos pobres, dos rapazes!
 Unhaça e capadeiras junto á presa
 Disputavam á huma audaz dextrêsa!
 Apenas o primeiro a faca enterra,
 Que nuvem de poeira os ares cerra!...
 Era o canino bando, dividido
 Em dous, qu'á carga vinha destimido;
 Traserdo sempre impresso na memoria,
 Que devia morrer, ou ter victoria!
 Vam a posto os pobres com prestêsa
 Firmes em nam ceder a cara prêsa:
 Em vam, que faltam pedrãs, forças faltam,
 E os cães, nada temendo, em raiva assaltam!..
 Tantos os RR sam, quantas dentadas
 Tantas canellas deixam laceradas!...
 Os pobres, já baldando esforços seus,
 Viram Marte dizer-lhe' » adeos, adeos! »
 Os cães vam estendendo os pobres fatos,
 Sem pejo commettendo desacatos!

Hum pobre cahe aqui e hum cam lh'arranca
 O nariz, cachaceira, e hum pé lhe manca!
 Ontro fica sem manto e sem capote,
 Qu'hum cam surripia e leva a bello trote!
 Garoto ali se vio nu em pelota,
 Qu'os restos da farpella hum cam lh'esgota!
 Fogiram dispersados os mendigos,
 Por ficarem com vida esquecem p'rigos!
 Dous vam para hospital, trez lá morrêram
 No campo, e onde os cães logo os comeram!

(a) Todos conhecem a grande curiosidade com que os cães de Lisboa andam sempre com o focinho no cham tendo, quantos papelinhos encontram: he provavel, que este alludisse aqui a sorte de Moscow, por ter lido algum fragmento da historia da Russia.

Chega a malha ao boi, de qu'esperava
 Cada qual ter quinham, que lhe tocava;
 Mais eis qu'o General, chegando á presa,
 Taes vozes proferio com bem firmeza.

» Grande presa era este Boi,
 » Se para todos chegasse;
 » Todos ficáramos mal,
 » S'a todos d'elle tocasse!
 ,, Justo serei, aprovae,
 ,, Quanto sabio vou fazer;
 ,, A bravos, como vós sois!
 ,, Basta a gloria de vencer!
 ,, Em partes seis dividindo
 ,, O fructo da gloria nossa;
 ,, Serei recto, amigo, justo,
 ,, Livre e sabio, quanto possa,
 ,, Duas mãos e pernas duas
 ,, Quatro partes se conheça;
 ,, A quinta e sexta achareis
 ,, No, que for tronco e cabeça.
 ,, A cabeça haveis cedela
 ,, A quem cabeça elegestes
 ,, No compo, qu'inda borbulha
 ,, Em sangue, que lá vertestes!
 ,, Das duas pernas dareis
 ,, Huma a, quem vos commandou;
 ,, Para mim tomo a segunda,
 ,, Porqu'o mais potente eu sou!
 ,, A tygre e Mastim tocar
 ,, Devem de certo as mãos duas,
 ,, Pois que vendo ainda estou
 ,, No campo as façanhas suas!
 ,, Resta o tronco, unica parte,
 ,, A que destino vou dar:
 ,, Eu e os dous (b) morte daremos
 ,, A, quem audaz a tocar!!!
 ,, Assim da canalha os chefes
 ,, A todo o Boi chamam seu!...
 ,, A, quem despotas soccorre,
 ,, Sempre o mesmo succedeo. (c)

ANNUNCIO.

A ARTE de Conservar a Belleza: — 1.º, e 2.º vol. por 480 rs., vende-se nas principaes Lojas de Livros de Lisboa, e Porto — na de Antonio Lourenço Coelho, em Coimbra — Luiz Antonio Henriques d'Almeida, Castello-Branco.

(b) Tygre e Mastim.

(c) Até aqui nos havíamos deixado arrastar dos encantos da nossa enfesadinha muza, por assim dar-mos alguma folga ao desgosto inherente ao nosso estado; porém nam podemos conter o riso do desprezo, ao ver-mos com attençam, com hum tam grande multdam de cães e tam valerosos contra os miserios pobres se deixassem agora emmudecer e pilhar por tres egoistae traidores,